



CONSTRUINDO A METODOLOGIA DO FORO SOCIAL PÃO AMAZÔNICO - FOSPA

1. CRISIS AMBIENTAL DA AMAZONÍA EXIGE GRANDES TRANSFORMAÇÕES

Ante a grave situação que padece a mãe terra em nossa grande Amazônia, particularmente a proposito dos incêndios florestais, em recente pronunciamento do FOSPA apontamos que uma das causas determinantes do permanente deterioro ambiental da região é a implementação dum modelo de desenvolvimento extrativista, agroindustrial e privatizador, que só serve as lógicas de acumulação global do capital.

A intervenção criminal e colonialista da Amazônia por parte de empresas madeireiros, petróleo, mineração, hidrelétricas e agroindustriais, quem atuam junto com grupos armados privados e a cumplicidade de forças militares oficiais, cria as condições para o desequilíbrio ecológico e social que coloca em perigo a vida da Amazônia, sua natureza e seus povos, e profundeza a crises climática que suporta hoje o planeta.

A vulneração dos direitos da Amazônia é facilitada pelo desconhecimento de os territórios e saberes ancestrais e comunitários dos povos em as definições de políticas sobre a Cuenca. Pelo contrário, incentivando o racismo desde o discurso e oficial e mediático como justificação das ações estatais e paraestatais. Os povoadores da Amazônia rural e urbana, comunidade de mulheres e homens, camponesas, afrodescendentes e especialmente indígenas, habitantes milenários na toma de decisões sobre o território. O território constituí a base material e cultural como povos, cuja convivência natural com a Amazônia há garantiu a harmonia ambiental da vida.

O que acontece na Cuenca é produto de políticas transacionais ditadas pelos centros de poder mundiais desde tempos atrás. Os problemas da deflorestação não estão somente em nos incêndios atuais, que são um resultado de todas essas intervenções. Em consequência, a solução a atual crise da Amazônia não deve focar exclusivamente em incêndios; o momento que atravessamos reclama decisões audazes que garantissem sua sobrevivência, desarticulando modelos econômicos e energéticos em grande parte responsáveis pela crise humanitária e pelo atual aquecimento global, pelo constante aumento das emissões de Gases de Efeito Estufa. O uso dos bens ambientais deve ter uma transformação radical para a sobrevivência digna da espécie humana e de todas as formas de vida no planeta.

Sem dúvida a emergência pelos incêndios florestais reclama a solidariedade mundial e medidas integrais de restauração da vida Amazônica. No entanto esta não pode ter um caráter intervencionista que mina a soberania dos povos, nem que o apoio internacional, ou em projetos de mercantilização da Amazônia como os chamados REDD, REDD+ ou REM, apresentados como alternativas à deflorestação e a instabilidade da mudança climática.

Tampouco a crise ambiental deve server para sustentar as estratégias hegemônicas do império na disputa geopolítica sobre a região, tarefa que o cartel da direita latino-americana –liderada

por Duque e Bolsonaro- tem começado a desenvolver agora com sua máscara conservacionista¹ e no qual se inscreve a tal Aliança de Leticia.

As organizações que nos encontramos há mais de 16 anos ao redor do Foro Social Pan Amazônico – FOSPA-, onde articulamos múltiplas iniciativas em torno ao cuidado e a defesa da Amazônia, fazemos um chamado conjunto desde os 9 países da Cuenca a manter a mobilização para pressionar mudanças nas políticas que afetam o bioma Amazônico.

Somente no poder de articulação dos povos, movimentos e organizações comunitárias, encontraremos a força social transformadora capaz de destruir os modelos de produção e consumo baseados na exploração e degradação da natureza e da humanidade.

2. OS RETOS PARA O FORO SOCIAL PAN – AMAZÔNICO

A reposta de múltiplas grupes sociais aos incêndios florestais em muitos países do mundo, particularmente em Latino América, evidencia uma sensibilidade notável em relação à Amazônia e seus problemas ambientais. Porém, não tem garantido uma mobilização continua. Também poderíamos identificar os grandes rasgos, que expressavam dois visões nas alternativas: uma transformadora, conduzida a resolver problemas desde suas causas, e outra conservadora, enfocada nos efeitos, na que coavam os negócios do capital apresentando-se como soluções.

Desde esta leitura crítica da jornada do 23 de agosto, frente a necessidade de desenvolver um processo no que se acumulava condições para o cuidado e a defesa efetiva da Amazônia, é possível concluir que existe uma dispersão programática e organizacional. Então surge a pergunta: É possível que o FOSPA se projete como o cenário no que se potencie as articulações precisas, para gerar as transformações dos modelos de produção e consumo que fragmente as relações vitais da Amazônia?

Caminhar nesse sentido, implica que como FOSPA assumamos alguns retos, entre eles:

- Avançar numa caracterização integral da Amazônia como unidade ecossistêmica e sociocultural, dos Andes, as selvas e o mar.
- Identificar a diversidade de sujeitos sociais que nestes territórios eles se originaram e foram recriados, reconhecendo e fortalecendo sua identidade Amazônica.
- Passar do diagnóstico dos problemas da Amazônia para as alternativas, em uma visão mais programática.
- Propor um impulso aos processos autônomos dos povos em uma perspectiva de recuperação do governo comunitário dos territórios.
- Convocar as diferentes organizações sociais presentes e atuantes na Amazônia que não integram o FOSPA, ou se distanciaram dele.
- Desenvolver o caráter articulador do FOSPA; como o pensamento e a ação do FOSPA são construídos, fortalecendo a diversidade, a participação e a comunidade, em oposição à homogênea, representativa e centralizadora.

¹ Entendemos por conservacionismo umas ênfases na conservação do geobiológico, marginalizando os povos e comunidades que habitam os ecossistemas.

Estes são, em consequência, os interrogantes e as procuras que as realidades da Amazônia e seus contextos nos comprometem a dialogar coletivamente em nosso próximo encontro internacional: O IX FOSPA – MOCOA 2020.

3. O QUE QUEREMOS SER COMO FOSPA?

A principal base sobre a qual a dinâmica temática – metodológica do FOSPA deve ser ordenada é: **a caracterização do FOSPA** como um **processo de articulação** de toda a diversidade dos povos, pensamentos e ações ao redor da defesa e o cuidado da Amazônia. Trata – se no fundamental de projetar o FOSPA como um processo do longo prazo que contribuí a cria as condições duma Amazônia sustentável.

Articular-nos em chave do processo social pela vida da Amazônia, implica necessariamente: primeiro, que esclarecemos o horizonte que vemos neste caminhar conjunto, desde o que queremos ser hoje; e, segundo, que traçamos os caminhos que nos levariam nessa direção, a partir do que fazemos hoje e, em consequência, somos – diria Galeano. Em términos, mas precisos, quais são nossas *apostas programáticas* e quais são as linhas de construção, é o que identifica nossa personalidade do FOSPA como sujeito político, sujeito plural de mudança.

A questão é então: Qual é a estratégia ou metodologia que nos levaria a ser uma força social transformadora das realidades amazônicas, especialmente nas que é necessário reverter e conter os desequilíbrios causados pelas intervenções do capital transnacional e dos governos corporativos? Isso significa que não estaríamos pensando apenas em uma metodologia para o MOCOA-2020, mas na configuração dum movimento social da Amazônia.

E definimos o **FORO**, porque tecer nesta grande rede implica uma dinâmica de diálogos permanentes em torno das ações conjuntas que provocamos; como algumas pessoas dizem: caminhando a palavra. Trata-se de construir compromissos conscientes, não é uma articulação mecânica nem burocrática. **SOCIAL**, porque reconhecemos como uma diversidade de sujeitos coletivos com pensamentos e práticas diferentes que procuramos a integração territorial e comunitária como fundamento do Bem Viver². **PÃO**, porque a articulação é entre organizações que somos de diferentes países e da maneira de expressar essa condição política é usando esta palavra grega que significa “tudo”³. **AMAZÔNICO**⁴, porque é nossa identidade concreta, particular: é o enraizamento com a essência multidimensional do ser Amazônia, que nos convoca à defesa e o cuidado destes territórios numa aposta decisiva pela Vida.

O que nos convoca como processo FOSPA? Em resumo, poderíamos colocar desta maneira: A defesa e cuidado da Amazônia, em direção à recuperação para o Bem Viver de seus tecidos ecossistêmicos e socioculturais, desde os Andes até o Atlântico, em cujos territórios uma diversidade de povos se originou e outros foram recriados, e nos quais nove países têm jurisdição político-administrativa.

▪ **A Diversidade no Fospa**

² Temos usado esse conceito para nos referir a comunidades e sociedades que não são estruturadas com base na lógica do capital, mas da vida. Mas é necessário aprofundar isso para esclarecer esse horizonte, o que nos ajudará a cimentar os caminhos desse caminhar conjunto.

³ Na reunião presencial do Comité Internacional feita em Bogotá em 2018 se começou um debate sobre a conveniência cultural e política de usar esta palavra.

⁴ Quando falamos da Amazônia queremos dizer o território ecossistêmico e sociocultural em seu conjunto, e por tanto no é necessário usar a palavra pan. Se fizemos isso quando nos referimos aos 9 países, essa divisão político-administrativa do território impôs outras visões além das dos povos.

Reconhecemos na diversidade, constitui uns dos fundamentos do FOSPA. Entendemos a diversidade como a oportunidade de convergir para a diferença. Por isso, pedimos o diálogo intercultural, inter - ator e inter - linguístico, para que, a partir de nossas histórias particulares e coletivas, transformemos este mundo novo em uma construção de comunidades e sociedades da Amazônia para o Bem Viver.

Reconhecendo a interseccionalidade das identidades dos sujeitos políticos, atravessada por várias formas de opressão destacadas de um sistema de dominação múltipla que contempla: i) exploração económica e exclusão social, ii) opressão política no marco da democracia formal, iii) discriminação sociocultural, em função etnia, gênero, idade, orientações sexuais, religiosa, etc., iv) alienação mediático-cultural e, v) depredação ecológica, (Galfisa 2009, Valdés 2001), tendemos a superar as exclusões criadas pelo uso de marcos teóricos que evitam a diversidade e a sobreposição de relações de poder.

“Por alguns anos, a interseccionalidade se tornou a expressão usada para designar a perspectiva teórica e metodológica que procura explicar a percepção cruzada ou sobreposta das relações de poder” (Viveros Vegoya, 2016). Nesse sentido, ele nos convida a explorar a interligação das diferentes formas de dominação sem hierarquia, embora reconheça que é impossível separar opressões porque elas não respondem apenas à dominação baseada em gênero, classe social ou política, etc.

As pretensões do FOSPA se dificultam sim se consideram aspectos experienciais relacionados com uma única hierarquia ou opressão (por exemplo, a de gênero, a epistêmica ou a de etnia), sem identificar sua relação com outras. Aqui é onde a interseccionalidade se torna essencial, em quanto tem a potência de relacionar variáveis do sistema de dominação múltipla, procurando mudá-lo em termos de justiça social, economia e ambiental.

▪ ***Quais são os alcances do IX FOSPA?***

O foro internacional MOCOA-2020 onde encontraremos todas as organizações sociais da Amazônia que estamos movendo em chave de FOSPA, é um momento de sínteses do processo e no que reafirmamos compromissos frente aos novos desafios que temos. Por isso planteamos neste IX Foro:

- Produzir avances programáticos e metodológicos referidos às alternativas ao desenvolvimento neoliberal e extrativista do capital que se impõe atualmente à Amazônia.
- Fortalecer organizativamente o FOSPA, ao redor dos diferentes Comités e das Iniciativas de Ação (IdeA), como dinâmicas de articulação pão – amazônicas.

Trata-se, então, de ordenar nestas premissas ou enfoques gerais o conjunto de abordagens e experiências que acumulamos até o FOSPA. Para isto é necessário partir dum esforço de sínteses do processo histórico do FOSPA que nos localiza hoje naquilo que avançamos em relação a: como conhecemos a Amazônia, como caracterizamos suas problemáticas e, sobretudo, quais são as alternativas que estamos propondo, em quanto apostas programáticas; identificando também os debates fundamentais que temos ao redor destes três assuntos⁵

⁵ Já o Comité Peru com base no VIII FOSPA feito em Tarapoto, elaborou um documento sínteses que poderia ser a base do debate a dinamizar em todos os cenários do FOSPA até IX Foro internacional que teremos em março do 2020 em Mocoa. De repente, poderia se adaptar de acordo com os eixos programáticos que estamos estruturando.

4. PRINCÍPIOS INTEGRADORES

Se tenta estabelecer uns critérios que nos facilitem o tecido das múltiplas temáticas, sectores e ações que hoje convergimos no FOSPA, em perspectiva de construir uma mirada más holística das realidades, na que convergem a diversidade de imaginários de vida e, em consequência, permitam a articulação sistêmica das iniciativas. As leituras fragmentadas desde cada sector, de maneira isolada, levam à dispersão de ações e soluções parciais.

Procuramos que sujeitos, pensamentos e ações se encontram, em meio de suas particularidades, ao redor das apostas programáticas do FOSPA e as Iniciativas de Ação como praticas articuladoras. A diversidade nutre nossas ações para propor alternativas que reconheçam múltiplas agendas: a das mulheres, as dirigidas por jovens, as de comunidades que mobilizam uma identidade étnica, a de quem propõe alternativas para contestar a territorialidade das formas rurais e urbano sentir a Amazônia (espiritualidade, memória, educação, arte, comunicação, pesquisa, ...) e com propósitos essenciais como dignidade, direitos, liberdade, paz.

Em quanto o FOSPA é uma proposta que invoca transformações radicais e profundas, não pode prescindir do diálogo entre os distintos agentes de transformação que que sofrem ou toleram expressões diferentes do sistema de dominação múltipla. Assim, acreditamos, por exemplo, que é impossível reverter a depredação ecológica sem pensar em limitar a participação política ou que a mídia e a alienação cultural devem ser superadas para promover a justiça econômica e assim.

Toda vez que compreendemos a Amazônia como um território em disputa, tanto no âmbito simbólico como no físico, valorizamos a capacidade do FOSPA para propiciar debates e trocas necessários que questionam desde o diálogo na diferença, a identidade na convergência, as ameaças e os avanços da apropriação e alienação desse território, a partir de propostas que reconhecem que acreditamos nesse processo, somos afetados de várias maneiras pelo sistema de dominação múltipla.

Estes critérios gerais os definimos como princípios ou enfoques integradores do processo FOSPA e, aceitando as diferentes apostas dos setores sociais, é essencial que em cada um dos eixos programáticos sejam considerados com o objetivo de tecermos com base nesses fios condutores:

A coerência e o senso de pertinência: Capacidade de ficar em concordância entre nosso fazer e o que deve ser o cuidado da Amazônia para viver dignamente. Isso implica ser reconhecidos como atores essenciais na toma de decisões políticas, econômica, culturais, espirituais e ambientais, com o fim de encaminhá-las pela convivência harmônica entre povoadores e território amazônico.

A participação: A construção coletiva de saberes é a base fundamental da articulação das ações transformadoras, para o cuidado y a defesa da Amazônia em perspectiva de comunidades e sociedades do Bem Viver. O FOSPA deve ser dotado de um sistema de participação decisiva e decisiva do grupo de organizações que nele caminhamos, desde o diverso e o comunitário, para construir o pensamento e a ação desse processo de transformações.

A ação sem prejuízos: Invita a assumir uma atitude de total compromisso com o entorno amazônico, que converta o FOSPA em uma experiência pedagógica de vida comunitária. Que nenhum ato transgrida a convivência entre povos e natureza, nem interfira em nossa vontade de caminhar tecendo sonhos e experiências.

O propositivo: Isto no sentido de dispor os esforços máis no fortalecimento programático e organizativo das alternativas, que nas análises das problemáticas, as quais já tiveram amplo estudo em diversos eventos anteriores. Se tenta não separar; a análise do problema deve ir como fundamentação das propostas.

O transformador: propiciando espaços de participação direta e real das diversas comunidades da Amazônia nas iniciativas de defesa e cuidado do território amazônico, convocando as solidariedades de outros atores, desde outros cenários, nacionais e internacionais.

A ancestralidade: destacando as maneiras do pensamento que os povos indígenas que habitam na Amazônia hoje têm, enquanto nos fornecem elementos para viver essas formas de entender e estar no mundo como parte da natureza. As memórias vivas das comunidades amazônicas são de importância ecológica que, em tempos de crise ambiental, são inestimáveis. Os exercícios de memória são decisivos na recuperação do conhecimento ancestral.

A espiritualidade: As alternativas para enfrentar a crises civilizacional precisam ficar enraizadas num sistema de crenças e valores que transcendem a racionalidade. Lembre-se, na identidade das diversas outras cosmologias que incorporam conhecimento ecológico e social, é uma oportunidade de questionar sistemas epistemológicos ancorados nas racionalidades de apropriação, competência e hierarquia, que alienam os povos de sua consciência comunitária e produtores de vida.

A equidade de gênero: A falta de apreço pela vida gerada na Amazônia, bem como pela vida que a mulher gera, levou à ocorrência de violência tanto no território quanto nas mulheres. É por isso que, acolhemos as premissas do feminismo comunitário desde o qual se procura que o “movimento social reconhece o capitalismo pela mão do patriarcado, como elementos fundamentais de todos os domínios que impedem a liberdade de homens e mulheres. Não é preciso continuar pensando que uma é a luta do feminismo pelos direitos das mulheres e outra da classe popular pela defesa dos territórios”

Destacamos aqui a forte imbricação entre capitalismo e patriarcado, assimilando isso na racionalidade sistêmica da dominação, onde as desigualdades e o opróbrio são multiplicados nas mulheres com base na distribuição sexual do trabalho imposto, separando o produtivo do reprodutivo. Nesta condição, as ideias e as tarefas das mulheres são ignoradas, relegadas a espaços privados e não remuneradas; é dizer, apropriação do trabalho das mulheres para a reprodução do capital. A apropriação do trabalho e dos corpos das mulheres está associada à apropriação da natureza, sendo impossível separar as formas de exploração e submissão.

É preciso entender as desigualdades entre homens e mulheres, o impacto destas no desenvolvimento, as forças que as perpetuam e as forças que podem mudar, como ferramenta de análises e mudança, pois sem as mulheres não há possível desenvolvimento, entendendo o desenvolvimento como um direito em si para todas e todos

5. EIXOS PROGRAMÁTICOS

Considerando as premissas e os critérios aqui expostos, pensamos que poderíamos falar então de *eixos programáticos*, concebendo-os como os pilares estruturadores de nosso projeto de vida para a Amazônia, o qual construímos desde a diversidade de territórios, povos, organizações e ações que hoje convergimos na defesa e o cuidado da Amazônia. Nós os agrupamos em três aspectos gerais:

5.1. POVOS E CULTURAS EM IDENTIDADE AMAZÔNICA

A cultura é um conceito complexo, que pode ser “*sentipensada*” como a forma em que os povos dotamos sentido a cada ato de nossa vida cotidiana, conectando com narrativas ecológicas e sociais e específicas. Viver na Amazônia implica dialogar com os saberes ancestrais que tem protegido este território, desenvolvendo modelos arquitetônicos, gastronômicos, de educação, como dinâmicas culturais adaptadas a selva Amazônica e a os Andes. Quem o habita deve reordenar nosso território e pensar na água como um elemento prioritário da vida e identidade amazônica, porque somos pessoas de selva, rio, mar, montanha e pântano.

Este eixo de ação tem o propósito de fortalecer a identidade amazônica dos povos e culturas, rurais e urbanas, como fundamento da defesa e o cuidado integral da Amazônia, para a consolidação de comunidades e sociedade do Bem Viver.

Algumas perguntas que poderiam orientar as discussões dentro de eixo seriam:

Quais são os pensamentos e prática que nos permitiram aprofundar a identidade amazônica frente a colonização ideológica que as economias de capital trazem consigo?

Como não nos deixar dividir e resolver autonomamente nossos próprios conflitos inter-étnicos e interculturais?

Como recuperar o senso comunitário e territorial da vida amazônica?

Quais são os princípios ou diretrizes que dariam caráter amazônico às nossas práticas econômicas e sociais, na produção, o mercado, o consumo, a educação, a saúde, a comunicação, a arte, ... como homens e como mulheres?

Como entender a identidade amazônica dos Andes até ao Atlântico, seus territórios, seus povos, suas culturas, seus gêneros?

Alguns dos temas que podem ser acobertados por eixo programático são:

<ul style="list-style-type: none">▪ Identities amazônicas – indígenas, camponesas, negras, urbanas▪ Saberes ancestrais e espiritualidades▪ Medicinas naturais, ancestrais e tradicionais▪ Educação Comunitária e intercultural	<ul style="list-style-type: none">▪ Cidades Amazônicas para o Bem Viver▪ Comunicações para o Bem Viver da Amazônia▪ Novas masculinidades▪ Memória histórica▪ Mulher amazônica
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

5.2. TERRITÓRIOS E CAMINHOS DE VIDA

O território constitui a base material e espiritual dos povos, um espaço físico e de sentido para as culturas de vida da Amazônia. Por isso, entendemos ao território como parte fundamental do processo FOSPA, sendo sua defesa e cuidado o que nos convoca ante a irracionalidade

econômica do capital, que procura colocar as selvas, os rios, a energia e as culturas mesmas da Amazônia em seu mercado mundial. Por isso, encontramos que as formas de intervir e morar a Amazônia a partir de suas territorialidades se encontram em disputa; dum lado, a concepção desenvolvimentista do capital e, por outro lado, a dos povos, que procuram dotar-lhe um senso de vida e harmonia.

Por isso interpretamos que é em torno ao sentido vital da água, as selvas, ou a energia, como devemos compreender a territorialidade Amazônica e as possibilidades de sua ré – harmonização, em uma perspectiva diferente a do desenvolvimento do capital extrativista e saqueador. Assim sendo pensamos que devem ir agrupados, enquanto integração territorial e social. Aqui poderíamos falar então de propostas como Transição Energética, Soberania Alimentaria, gerenciamento comunitária da Água ou gerenciamento comunitário da Selva, entre outras, em chave de desenvolvimento comunitário do território.

Algumas perguntas orientadoras para este eixo:

Quê estratégias podem ser implementadas como defesa da vida na Amazônia ante desmantelamento dos direitos humanos e da Natureza a nível mundial?

Qual é o papel de academia e a investigação no posicionamento de modelos alternativos a economia neoliberal ou capitalista?

Como posicionar uma visão diferente ao modelo capitalista oferecem alternativas para fazer a transição para um novo modelo de vida sustentável?

Alguns dos temas que podem ser acobertados por eixo programático são:

<ul style="list-style-type: none">▪ Transição energética-▪ Justiça hídrica: Defesa de Bacias e Pântano.▪ Paz, Direitos Humanos e da Natureza.▪ Gestão comunitária de Aguas y bosque	<ul style="list-style-type: none">▪ Biopirataria e patentes; direitos e contratos por uso▪ Economia campesina e etno amazônica▪ Desmilitarização de a vida amazônica▪ Seguridad e soberania alimentaria▪ Amazônia e mudança climático
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

5.3. AUTONOMIAS E GOVERNO COMUNITÁRIO

Aqui queremos localizar a projeção do conjunto de iniciativas que podemos encontrar em um mesmo território em torno a um projeto integral ou Plano de Vida, fortalecendo as capacidades autonômicas de gestão para a sobrevivência e a convivência em expressões de governo próprio. Com esta aposta propendemos por gerar exercícios de articulação de capacidades ao redor de mandatos comuns estabelecidos em processos de participação direta, para o ordenamento ambiental e social do território e a construção de projetos de desenvolvimento comunitário que consolidem a preservação nos territórios. Com base na caracterização ecossistêmica e sociocultural da Amazônia, devemos pensarmos em perspectiva dum Estado Amazônico que integre socialmente estas identidades. E nessa intenção de ser governo comunitário nos territórios amazônicos é determinante que soubemos identificar e compreender a diversidade de sujeitos sociais presentes em eles, em cuja articulação reside a possibilidade de governar/transformar as realidades da Amazônia.

Algumas perguntas que poderiam orientar as discussões dentro de este eixo programático seriam:

Como relacionar os governos comunitários próprios com os institucionais/oficiais de modo a ter uma governabilidade favorável a realização dos planos de vida dos povos?

Que deve contemplar um projeto de vida territorial que compreenda o sentir e o habitar da mulher amazônica?

Que modelos de poder local e desde que enfoques, podemos reconhecer das experiências dos países amazônicos, que nos guiam no fortalecimento da articulação para a construção do poder regional?

Como nós formamos em temas ambientais e de gestão pública respondendo a nossas necessidades nos territórios para avançar no reconhecimento de sujeitos coletivos amazônicos como autoridades ambientais?

Que maneiras/mecanismos devem ser adotadas/exercidos para a participação efetiva das mulheres no governo comunitário da Amazônia?

Como as lutas das mulheres aportam a construção dum estado pan amazônico?

<ul style="list-style-type: none">▪ Decrescimento-▪ Manejo comunitário da Selva- território▪ Governabilidade /governança▪ Ordenamento ambiental e social do território▪ Planos de vida	<ul style="list-style-type: none">▪ Construção de poder local▪ Autogovernos, autonomias e descolonialidade▪ Direitos do camponês▪ Direito da mulher▪ Garantias para a liderança sociais
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

6. A DINÂMICA ARTICULATÓRIA NO IX FOSPA MOCOA 2020

O IX Foro deve representar o desenvolvimento de nosso processo de articulação de pensamentos e ações, através duma dinâmica que permita a harmonização de toda a diversidade que nestes dias estejamos presentes, nestes territórios, reivindicando a Amazônia e comprometendo-nos em sua defesa e seu cuidado. O objetivo então é que cada um dos momentos e espaços deste encontro está interconectados, que há uma engrenagem de todas as atividades na produção dos resultados propostos: propostas para assumir os desafios atuais da Amazônia, e linhas de ação conjuntas que nos permitam realizá-los, colocá-los em prática.

Haverá então três cenários centrais que denominamos **Malokas** (casas do pensamento), correspondentes aos três eixos programáticos/organizativos sobre os quais o IX encontro do FOSPA ocorrerá principalmente. Cada uma delas terá um espaço assembleário para os momentos do encontro e outros lugares para as atividades autogestionadas. Uma destas Malokas terá um espaço com capacidade para encontrar-nos a todas e todos em plenárias, ao início e final do Foro.

Cada Maloka desenvolverá atividades correspondentes a cada eixo programático em dois processos interdependentes: uns espaços/dinâmicas permanentes nos que as organizações compartilham as experiências e visões através de diferentes expressões (palestras, workshops, exposições, artes, galerias, vídeos, etc.), e outros de caráter assembleário nas que se acordam propósitos comuns, em **encontros de propostas alternativas**. Ao seguinte dia, nesses mesmos espaços, se realizaram os **encontros das Iniciativas de Ação**.

Assim o Foro seria desenvolvido como um encontro de encontros orientados em debates que se encadeiam uns aos outros, durante quatro dias. Na noite de cada dia se realizaram **encontros culturais** que estarão a cargo dos Comitês de cada país.

Para facilitar a organização do IX FOSPA – MOCOA 2020, será promovida a gestão dum **Formulário de Inscrição** que nos pré-estabeleça vários aspectos importantes:

- A participação das organizações nos momentos/espços do IX FOSPA: instalação, contexto, atividades auto- gestadas, encontros de propostas alternativas, encontros de IdeAs, encontros culturais, desfile final.

-Aportes das organizações nos comitês de trabalho: metodológico, logístico, comunicações, administração, orientação – convivência, saúde.

- Aportes económicos e materiais das organizações.

Com a finalidade de integrar o **IX FOSPA com a população de Mocoa**, geramos diferentes mecanismos para que nosso encontro incluam a população. Por exemplo, a instalação se faria em placa publica, as malocas estarão distribuídas no município, todas as atividades do FOSPA são abertas as pessoas, o desfile terá ampla cobertura no município e será oferecido às organizações e comunidades de Mocoa que desejam se expressar.

As **comunicações FOSPA**, organizadas o mais amplamente possível em rede, em tempos e espaços, serão um dos nossos meios mais importantes para tornar visível o IX Foro, e também para convocar e gerar dinâmicas de participação de comunidades e organizações não presentes nele.

PRIMEIRO DIA

No primeiro dia se desenvolvera uma plenária inicial com três momentos principais:

1. *A instalação do evento*, cerimônia em onde invocamos as vontades para o encontro e faremos expressa de distintas maneiras a diversidade amazônica reunida: indígena, camponesa, afro, urbana, mulheres, jovens, LGTBI, ... os andes, a selva, a costa atlântica...

Dinamiza o Comitê regional do FOSPA – Putumayo, Caquetá.

2. *O contexto da Amazônia*: o desenvolveremos em dois partes:
 - Sínteses dos análises de contexto planejados em cada Pre-Foro Nacional / Regional
 - Painéis sobre os aspectos mais fundamentais do contexto

Dinamiza a IdeA mapeamento de conflitos socioambientais na Amazônia.

3. *A Metodologia FOSPA*: O que queremos ser como FOSPA (caráter), as maneiras como estruturamos o pensamento FOSPA (o programático) e as linhas de construção das alternativas FOSPA (as IdeAs).

Dinamiza o Comitê Metodológico do FOSPA – Colômbia

SEGUNDO DIA

No segundo dia, as reuniões em Malokas serão realizadas por eixos programáticos, levando em consideração os critérios indicados (ação proposital, integradora e transformadora). As

discussões ao redor de cada eixo programático deveram estar conduzidas a cumprir os objetivos do IX encontro do FOSPA e terá como guia um documento de perguntas sugeridas.

1. Instalação e exposição das *Atividades auto gestadas* das organizações FOSPA, distribuídas de acordo com seus temas nas três Malokas (Identidade Amazônica, Caminhos de Vida e Governo Próprio).
Orienta o Comitê Metodológico e o logístico
2. Encontros ao redor de *Propostas alternativas*: soberania alimentaria, transição energética, gestão comunitária das aguas e as selvas, identidades amazônicas, o direito a cidade na Amazônia, Planos de Vida, descolonialização, autonomia e governo comunitário, ...
Orienta o Comitê Metodológico e o logístico

TERCEIRO DIA

No terceiro dia mantemos as atividades na três malokas, com os seguintes espaços:

1. Continua a exposição das Atividades auto gestadas das organizações.
2. Encontros das Iniciativas de Ação nas Malokas, onde trocaremos experiências e propostas ao redor da articulação panamazônica do processo FOSPA, com a intenção de fortalecer as IdeAs (enfoques, metodologia, participação e plano)⁶.
Orienta o Comitê Metodológico e o logístico

QUARTO DIA

No quarto dia se desenvolvera a plenária final, no que se devera validar: primeiro, os avances em nossa identidade propositiva e apostas programáticas, também demonstrando os debates que continuam; e, segundo, as Iniciativas de Ação consolidadas, juntamente com as planejadas. Teremos quatro momentos neste dia:

1. *A Amazônia que queremos*: apresentação das principais ideias que se desenvolveram nos encontros programáticos em cada Maloka.
2. *As Iniciativas de Ação*: apresentação das IdeAs que serão estruturados nas reuniões realizadas.
3. *A Carta de Mocoa*: apresentação do documento sínteses dos avances do processo FOSPA em esta 9ª etapa e as projeções para etapa seguinte.
4. *Desfile final*: Foi proposto que, como expressão de nosso processo de integração, esse desfile seja realizado por Iniciativas de Ação, mas também pela presença dos nove países.

7. COMO A GENTE SE PREPARA

Uns dos aspectos determinantes para que o IX FOSPA produza um salto qualitativo no desenvolvimento do processo social pela defesa e o cuidado da Amazônia, é que todas as organizações estarão em sintonia numa metodologia comum, especialmente para a realização dos pré-foros nacionais, para o foro internacional e pós-foro. Também seria importante que

⁶ Anexo: Que são as Iniciativas de Ação

podéssemos ter presenças anteriores, presentes e virtuais, por setores sociais e por iniciativa de ação.

Enquanto processo, o IX FOSPA o preparamos ademais em cada uma das atividades que fizemos neste período, o que quer dizer, que estes eixos programáticos estão dinamizando as reflexões e as propostas, os pronunciamentos, as comunicações, os festivais, as mobilizações, ... sejam de nossa convocatória, ou por que acreditamos que é conveniente e necessário participar de outros cenários conduzidos por outros atores.

No entanto, a ideia é que em cada país ou território amazônico possamos fazer os pré-foros que sintetizam o debate, para chegarmos ao IX Fórum Internacional já com alguns níveis de processamento. O exercício de preparação através das reuniões das Iniciativas de Ação.

É importante ter em conta as linhas centrais da metodologia para todas as atividades preparatórias do IX FOSPA, particularmente os pre-foros Nacionais, de forma a garantir a continuidade do processo entre eles, permitindo a sistematização com o objetivo de síntese que a reunião procura. Isso significa que, da mesma maneira, nos pre-foros, direcionaremos sua realização nos mesmos momentos que a metodologia apresenta: contextos, atividades autogestadas, eixos programáticos, reuniões de propostas, reuniões de propostas, reuniões de iniciativas etc.

Amazônia, setembro de 2019.

Por la vida, defendemos la Amazonia -



Pela vida, defendemos a Amazônia